

CEDI

Povos Indígenas no Brasil

Fonte: O Popular (Go) Class.: 78

Data: 25.01.85 Pg.: _____



Mais armas, nas fazendas e nas ruas



Telefones Hélio Nunes / O POPULAR

A polícia recebeu reforços e está acompanhando atentamente a movimentação



Um fazendeiro à espera do conflito

Tensão nos Apinajé. Padre Camio é preso

Foram suspensos até o próximo dia 31, quinta-feira, os trabalhos de demarcação das terras indígenas que os Apinajé iniciaram por conta própria em Tocantinópolis, a 1.280 quilômetros de Goiânia, depois de esperar por longo tempo que a Funai tomasse a providência. Mas o clima na cidade era de muita tensão, ontem. O padre francês Aristides Camio, contra quem o Ministério da Justiça há poucos meses moveu ação de extradição, chegou a ser detido na área conflituada. Mas o delegado

de polícia de Tocantinópolis logo o libertou, após tomar seu depoimento na Delegacia. A decisão de interromper as picadas no mato foi tomada pelos índios. E recebida na cidade como uma vitória do movimento armado que parte da população da cidade chegou a organizar ontem. A disposição dos proprietários da terra, descreve a repórter Conceição Freitas, enviada de O POPULAR, é a de matar ou morrer, caso os índios não desistam do propósito de ampliar seus domínios. (Página 6)

CEDI

Povos Indígenas no Brasil

Fonte: O Popular Class.: 79

Data: 25.01.85 Pg.: _____

Polícia contém movimento armado contra Apinajé

Tocantinópolis (da enviada especial **Conceição Freitas**) - Para os Índios, trata-se de preservar sua cultura, sua tradição, sua história e garantir uma área definitiva para seus descendentes. Para os não Índios, trata-se de manter sua propriedade e o desenvolvimento econômico da cidade de Tocantinópolis. O conflito entre estes dois interesses quase gera, ontem à tarde, um confronto armado. Na rodovia GO-226 - que liga Tocantinópolis à Transamazônica - o encontro casual entre cerca de 50 brancos e um número pouco menor de Índios, poderia resultar em muitas mortes, caso a polícia não chegasse na hora exata.

Se na cidade o clima é de tensão, com homens armados dispostos a matar ou morrer para não perder a terra, na aldeia São José, dos Apinajé, líderes de diversas nações indígenas estão reunidos para tomar uma decisão final quanto à questão. O cacique Raoni, o grande líder, está triste. "Nós não quer machucar ninguém", garante Raoni entre calmo e levemente preocupado.

Uma decisão temporária, no entanto, já foi tomada pelos Apinajé e seus parentes que vieram ajudá-los em solidariedade. As picadas cessaram até a reunião do dia 31 próximo, quando o "Grupão", constituído pelo Getat, Funai, Ministério Extraordinário para Assuntos Fundiários e Ministério do Interior, vai finalmente estabelecer a demarcação das terras indígenas.

A decisão dos Apinajé de parar temporariamente com as picadas - que, segundo eles, estão sendo definidas de acordo com a história de seu povo - foi recebida em Tocantinópolis como uma vitória do movimento armado de ontem à tarde. A volta dos brancos à cidade mereceu o estouro de fogos de artifício e uma passeata de veículo, semelhante à de quando o então candidato à governador Iris Rezende aqui esteve. A comparação foi feita pelo filho do prefeito José Sabóia.

A polícia, que já conta com 40 homens e uma barreira armada no trevo que dá acesso à Aldeia São José, espera para hoje a chegada do Secretário de Segurança Pública, José Freire, que prometeu vir conversar com Índios e não Índios. Ao falar aos brancos que estavam dispostos a enfrentar os Apinajé, o coronel da PM Renato, comandante do destacamento de Araguaína, anunciou que está à procura do antropólogo Gilberto Azanha, da Funai, para prendê-lo sob a acusação de incitar os Índios.



Telêmaco, Hêlio Nunes

Tocantinópolis, ontem: armados de revólver e espingarda, os dois homens guardam a terra

Os Índios não pensam em hectares, se oitenta, cem ou cento e quarenta mil. Pensam em delimitar seu território pelos pontos onde há ancestrais enterrados, onde há referência histórica, onde possam perambular. "Eles estão tentando identificar os limites necessários para que uma proposta possa ser levada para a reunião do "Grupão", afirmou o superintendente da Funai, Gérson da Silva Alves, que está na região. O delegado de Tocantinópolis, Sebastião Lima, prendeu anteontem duas jornalistas que estavam na Aldeia São José (uma da **Folha de São Paulo** e outra de **O Globo**), e o padre francês Aristides Camio, liberando-os em seguida. Segundo o delegado, a prisão foi necessária para que eles explicassem a razão de sua presença na cidade. No final da tarde de ontem, alguns fazendeiros correram atrás de três Índios que estavam dentro da mata, próximos à picada, e chegaram a disparar, mas não houve feridos.

Até o dia 31 o ambiente deve manter-se calmo, caso os Índios cumpram o prometido. A decisão do Grupão é que pode ou não alterar os ânimos de uma ou de outra parte. A população exige que as autoridades tomem uma decisão e não mais aceitem adiamento. A disposição dos proprietários de terra e comerciantes da região é a de matar ou morrer. Exemplo disso é o nordestino de corpo troncudo, acobiciado e revólver 44 na cintura, Adolfo Soares de Aquino, de 50 anos. "Se eu perder minha fazenda eu desespero, fico doído. Se eu morrer, muitos vão cair comigo", desabafa o explosivo Adolfo. Como ele, vários, mais de cinco dezenas, estão armados de canivete, faca, facão, espingarda e revólveres de pequeno calibre.

Há quase unanimidade entre os não brancos, ao não aceitarem que a área dos Apinajé supere os 85 mil hectares já demarcados em 1978. Os comerciantes afirmam que pelo menos 70% do movimento caiu nos últimos dias. E há, no povo indígena, uma união entre várias nações, para lutar pela terra que eles dizem serem suas por direito histórico.

Bispo lamenta prisão de Camio

O bispo da diocese de Tocantinópolis, dom Aloísio Hilário de Pinho, disse à imprensa acreditar que os Índios "estão sendo instrumentalizados" pela Companhia Vale do Rio Doce, que tem interesses na região. Ontem à noite, dom Aloísio teve reunião com o prefeito da cidade, José Sabóia, para discutir o encaminhamento das negociações entre os Índios e os brancos.

O bispo de Tocantinópolis disse à imprensa, ainda, que a presença do padre francês Aristides Camio na área em conflito foi "casual", já desejava conhecer a aldeia dos Apinajé e desconhecia o clima de tensão em que ela se encontrava. Dom Aloísio considerou "injustificável" a detenção de Camio e teme que ela venha prejudicar a situação legal do padre, que se encontra sob liberdade vigiada, depois do processo de extradição que lhe moveu o Ministério da Justiça.

JAPIASSU

O deputado estadual Francisco Maranhão Japiassú (PMDB), que representa na Assembleia a região do Bico do Papagaio, responsabilizou ontem a Funai pelos conflitos entre os Índios Apinajé e a comunidade branca de Tocantinópolis. Ele disse que a demora na definição da área indígena a ser demarcada pelo Grupo Executivo das Terras do Araguaia/Tocantins (Getat) é o principal motivo de rebelião dos Índios. "São Índios pacíficos e sempre conviveram bem com a população de Tocantinópolis. Mas a omissão da Funai está gerando a confusão", observou.

O deputado vai mais longe. Acredita que por trás dessa omissão da Funai estejam em jogo grandes interesses de grupos empresariais, do ramo de mineração. Estas empresas estariam insuflando os silvícolas a continuarem com a abertura de picadas irregulares, com o objetivo de forçar a expulsão dos posseiros da área antes da definição sobre o reassentamento deles.